



## Óscar Niemeyer 1907-2012

Óscar Niemeyer é certamente uma das maiores figuras do séc. XX. Para a arquitectura, em muitos aspectos, pode dizer-se que o século XX é o século Niemeyer. Obras como o conjunto de Pampulha, o Congresso Nacional de Brasília, os Palácios do Planalto, do Itamaraty, da Alvorada, da Universidade de Constantine, a sede da ONU em Nova Iorque, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, entre tantas outras, são não apenas obras cimeiras, são obras que, de uma ou outra forma, influenciaram e inovaram toda a arquitectura. Pode dizer-se do conjunto da obra de Niemeyer algo de semelhante do que foi dito de Palladio: que nenhuma obra sua é menor.

O distanciamento de Niemeyer, ainda muito jovem, em relação ao racionalismo do Movimento Moderno e do “estilo internacional” dos anos 20 e 30 do século passado é a mais vigorosa afirmação da sua original personalidade criadora. Na perspectiva de hoje adquire um ainda maior significado: é parte integrante de um movimento de emancipação cultural sul-americano, e em certo sentido das posições mais periféricas, em relação ao peso da cultura europeia ou, como Niemeyer escreve, do “*velho mundo*”, movimento que hoje parece reviver no impulso progressista que atravessa tantos países da América Latina.

Enquanto o Movimento Moderno, na Europa, efectivamente inovava e rompia com o passado, à distância os ecos dessa ruptura perdiam força porque – utilizando uma formulação que Niemeyer repetirá frequentemente – aí do que se tratava não era de romper com o passado, mas de criar “*património futuro*”. Enquanto em qualquer país europeu seria impensável a construção de raiz de uma nova capital, no Brasil isso será pensado e realizado.

A ruptura de Niemeyer com o racionalismo é estética e é técnica. É a utilização livre da linha curva no desenho e das superfícies curvas em betão armado na construção, como mais tarde o será dos audaciosos volumes balançados, dos amplísimos vãos vencidos. À frieza do método do racionalismo funcionalista, do “*ângulo recto*” e da “*linha recta, dura, inflexível*”, da monótona quadrícula estrutural que, “*dos Estados Unidos ao Japão*” produzia formas idênticas, Niemeyer contrapõe uma estética e uma poética de radical ruptura, sensual e livre, barroca e “*brasileira*”. Niemeyer é um pensador da estrutura e da construção, com uma imensa intuição para as potencialidades do betão armado, que explora com tanta criatividade como rigor.

E esta figura de gigante, que marca de forma particularmente impressionante o século que viveu, que projectou e construiu alguns dos mais importantes e certamente perduráveis edifícios do século XX, reconhecido como uma muito destacada referência moral e ética na defesa das causas da emancipação humana, sempre assumiu com simplicidade e modéstia, mas também com exemplares coerência e determinação a sua inserção na longa trajectória da História. É ele quem afirma, em diversas ocasiões, que “*o importante é a vida, não a*



*arquitectura*”, acrescentando, ainda: “*e a vida é um instante*”. Foi um longo instante uma vida de 105 anos, mas trata-se de um pequeno período para quem compreendia a longa marcha histórica da humanidade tal como Niemeyer a entendia.

Niemeyer não alimentava ilusões acerca de um papel determinante da arquitectura nos processos de transformação social, mesmo em aspectos relativamente limitados como o da habitação (“*não acredito em arquitectura social em regime capitalista*”). No discurso de aceitação do Prémio Pritzker, que lhe foi atribuído em 1988, Niemeyer fala de “*um mundo socialmente injusto, que ignora a miséria, e que a nossa profissão é incapaz de melhorar*”. O seu lúcido cepticismo coloca-o nos antípodas da utopia do Movimento Moderno: não cabe à arquitectura mudar o mundo, e muito menos como *alternativa à revolução*. Pelo contrário: é uma nova sociedade que permitirá que, “*um dia*”, a arquitectura assuma “*sua verdadeira identidade*”. E, entretanto, toda a sua obra, invulgar exemplo de criatividade e de arrojo técnico, é certamente um fortíssimo elemento de confiança na capacidade humana de antecipar esse “*dia*”.

Óscar Niemeyer inscreveu-se no PCB em 1935 e nele se “*integrou para sempre*”. Por esse motivo foram-lhe recusados projectos, foi forçado a exilar-se pela ditadura militar, foi impedido de exercer a docência, tanto no Brasil como nos Estados Unidos (que em sucessivas ocasiões lhe recusou a concessão de um visto), foi inúmeras vezes interrogado pela polícia política (incluindo quando Kubitschek era presidente e Niemeyer trabalhava em Brasília) e pelos militares. Sempre assumiu com coragem e coerência as suas opções. Sempre apoiou com o seu nome e o seu imenso prestígio as causas em que acreditava. Subscrevendo a reclamação de um plebiscito pela anulação da privatização da empresa Companhia Vale do Rio Doce, afirmou: “*Eu apoio esse plebiscito, pois quando tem gente protestando na rua é um trabalho melhor do que o meu*”.

O empenhamento político e cívico repercute-se na sua obra, e tem expressão particularmente viva em alguns monumentos. Niemeyer é o autor de alguns dos mais expressivos e vigorosos monumentos realizados na América Latina no decurso do século XX. Alguns destes tornaram-se por si próprios episódios e símbolos da dureza da luta política, como o monumento aos metalúrgicos mortos na greve de 9 de Novembro de 1988, em Volta Redonda, destruído à bomba por uma organização fascista no mesmo dia em que foi inaugurado, e que foi reconstruído mostrando os fragmentos e as fracturas resultantes da explosão. O monumento a Juscelino Kubitschek, violentamente atacado por conter uma forma semelhante a uma foice. A imponente escultura em betão branco com sete metros de altura, em forma de mão em cuja palma uma mancha vermelha de sangue toma a configuração do continente sul-americano, no Memorial da América Latina em São Paulo, entre outros. São

Si



Sector  
Intelectual  
de Lisboa  
do PCP

obras de enorme qualidade plástica, cuja força expressiva é indissociável da forte convicção do seu criador.

A sua obra arquitectónica e plástica é uma das mais admiráveis marcas deste tempo. O seu exemplo moral e ético é também o de um tempo futuro. Um tempo em que, em todas as escolas de arquitectura, será ouvido o seu conselho aos arquitectos:

***“(...) ter presente que a arquitectura não se pode limitar aos desejos das classes dominantes, mas atender aos mais pobres que dela tanto carecem.***

***E ser intransigente na defesa desse mundo sem classes que desejamos e no qual a arquitectura assumirá, um dia, sua verdadeira identidade”.***

Lisboa, 6 de Dezembro de 2012

**Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do PCP**